

Eu não vou desistir: vivências de mães discentes no ensino superior público

I will not give up: experiences of the student mother in public higher education

Vítor Hugo Nascimento Firmino¹ , Alessandra da Rocha Arrais² , Carlos Manoel Lopes Rodrigues³ , Ângela Ferreira Barros⁴ 

RESUMO

Objetivo: conhecer a percepção de mães discentes do ensino superior público quanto às suas vivências no ambiente acadêmico e a relação com a abordagem institucional.

Método: estudo qualitativo com mães discentes de dois cursos superiores da área da saúde, que utilizam metodologias ativas de ensino. A coleta de dados foi por meio de grupo focal e entrevistas individuais.

Resultados: emergiram quatro categorias: o tratamento da estudante diante do direito de ser mãe; igualdade, equidade e maternidade no ambiente acadêmico; as múltiplas jornadas de trabalho: divisão sexual do trabalho e as relações de gênero; e o conflito entre maternidade e a carreira. Elas também descreveram incoerência ao serem ensinadas a ser empáticas e prestarem atendimento humanizado, enquanto não são tratadas assim.

Considerações finais: as discentes vivenciaram preconceitos e dificuldades para apresentar desempenho satisfatório, além de relatarem sobrecarga física, mental e dupla ou tripla jornada de trabalho.

Palavras-chave: Estudantes de Enfermagem; Estudantes de Medicina; Mães; Saúde do Estudante; Estresse Psicológico.

ABSTRACT

Objective: to know the perception of mothers who are students of public higher education regarding their experiences in the academic environment and the relationship with the institutional approach.

Method: qualitative study with mothers who are students of two higher education courses in the health area, which use active teaching methodologies. Data collection was done through focus groups and individual interviews.

Results: four categories emerged: the treatment of the student regarding the right to be a mother; equality, equity and motherhood in the academic environment; multiple working hours: sexual division of labor and gender relations; and the conflict between motherhood and career. They also described inconsistency in being taught to be empathetic and provide humanized care, while not being treated that way.

Final considerations: the students experienced prejudice and difficulties to perform satisfactorily, in addition to reporting physical and mental overload and double or triple working hours.

Keywords: Students, Nursing; Students, Medical; Mothers; Students Health; Stress, Psychological.

INTRODUÇÃO

A construção histórica do sistema capitalista patriarcal tem como base a divisão sexual do trabalho, um conceito antigo sobre relações de poder entre os gêneros que identifica o homem como um ser voltado para o trabalho, um ser político,

e a mulher como um ser familiar, doméstico. Essa ideia atribui às mulheres a responsabilidade pelo cuidado da casa e dos filhos, com objetivo de limitar as capacidades femininas em outros espaços produtivos¹.

A ascensão e estruturação capitalista no Brasil ocorreram junto com o processo de luta e conquista de espaços femininos e foram moldadas duas projeções sociais da mulher: a feminina caracterizada como bela, dona de casa, educadora, esposa que gerencia a casa, tendo o marido como mantenedor e chefe da família; e a trabalhadora, descrita como fria, durona, incapaz de amar, que aguenta a pesada carga de baixas condições de trabalho e lutam para demonstrar a feminilidade. A visão hierárquica imposta pelo sistema desvaloriza a força de trabalho delas e mantém um ambiente propício para a exploração feminina¹⁻³.

Dessa forma, as primeiras ocupações da mulher no mercado de trabalho foram em atividades domésticas, as quais não necessitavam de conhecimentos científicos, mas de uma formação como boa dona de casa. O próximo passo foi conquistar o direito aos estudos, o qual foi limitado à área da educação, de forma segregada e diferente dos homens, tendo em vista que na visão do sistema patriarcal, o espaço que a mulher poderia ocupar no mercado era uma projeção das funções domésticas e de educação dos filhos. Autores trazem que em relação à escolaridade, a mulher era mais educada do que instruída³⁻⁴.

O movimento feminista impulsionou uma corrente de conquistas para as mulheres, expandindo para além do âmbito domiciliar os espaços a serem ocupados³, levando-as a buscar maiores níveis de capacitação. Nessa perspectiva, em 2018, elas representaram 54,6% dos estudantes do ensino superior⁵. Ocorreu um crescimento importante no ingresso de mulheres em idade reprodutiva, chamando a atenção para a condição potencial de maternidade nesse período e necessidade de políticas direcionadas à mulher⁶.

O ingresso no ensino superior por si já é uma grande conquista, especialmente quando ocorre na vida adulta. Além de ser uma oportunidade de ascensão socioeconômica da família, configura-se também como a concretização de sonhos, aspirações e metas, gerando expectativas em todo o círculo familiar e social⁷⁻⁸. Essas metas não são somente a busca por autorreali-

zação, mas são também para ocupar profissões não limitadas às projeções de funções domésticas e de estética⁴. Porém, essa conquista não isenta a mulher das rotinas como dona de casa e cuidadora familiar, sendo apenas mais uma jornada de trabalho a ser cumprida^{4,9}.

A sobrecarga das jornadas de trabalho, estudo e maternagem dificulta que as mães desenvolvam uma vida produtiva linear e ascendente, sem interrupções¹⁰, o que favorece o sentimento de frustração por não conseguirem exercer todas as funções de forma plena e satisfatória¹¹. Além disso, elas são alvos de abuso de poder e sofrem com assédio e punições por atrasos e/ou faltas decorrentes dos cuidados com os filhos¹⁰.

No contexto acadêmico, as instituições escolares tendem a reproduzir esses aspectos das relações sociais de manutenção do poder das classes dominantes, como no ambiente de trabalho, sendo essa a condição de existência das escolas na sociedade¹². Apesar de a estudante gestante ter o direito à licença maternidade por quatro meses, quando é permitida a realização de atividades escolares em regime domiciliar¹³ e programas de assistência estudantil¹⁴, a abordagem institucional pode não condizer necessariamente ao previsto em legislações, mas a reflexos das tradições sociais.

Além desses aspectos, há ainda uma complexa relação do aluno com seu professor, determinada por extrema subjetividade com influência direta no processo de ensino-aprendizagem e com o perigoso potencial de ocorrência de situações de autoritarismo, devido às relações de poder, podendo culminar em casos de assédio¹⁵.

Com todos esses desafios, ao escolher ou não, engravidar, a mulher passa por um processo intenso de mudanças, aumento de responsabilidades e cobranças que podem favorecer momentos de crise nos relacionamentos familiares. A literatura associa a gravidez como um dos motivos de evasão do ensino superior^{8,16}.

Para a gestão institucional essa evasão é uma problemática complexa e multidimensional que demanda atenção, pois são geradas perdas educacionais, sociais e orçamentárias com impacto direto na oferta e qualidade da educação, de forma a fragilizar os propósitos educacionais, sociais e de desenvolvimento social da instituição¹⁷.

Mesmo com tantas dificuldades, as mães enfrentam batalhas diárias para avançar na sua formação profissional. Considerando esses aspectos, o objetivo desse estudo foi conhecer a percepção de mães discentes nos cursos de graduação em Enfermagem e Medicina quanto às suas vivências no ambiente acadêmico e a relação com a abordagem institucional.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo exploratório com abordagem qualitativa, fundamentado no materialismo histórico-dialético. A escolha dessa fundamentação se deu por reconhecer a complexidade das construções econômicas, histórico-culturais e suas fortes influências na ordem social^{18,19}.

A coleta de dados foi realizada entre outubro de 2018 e abril de 2019 em uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública do Distrito Federal, onde são utilizadas metodologias ativas de ensino. A amostra foi por conveniência, sendo incluídas discentes mães, com idade igual ou superior a 18 anos, dos cursos de Enfermagem e Medicina. As discentes foram abordadas durante os intervalos das atividades acadêmicas sendo convidadas a participar da primeira etapa: o grupo focal, realizado dentro da disponibilidade delas, em local por elas escolhido. O grupo focal permite conhecer a percepção coletiva das vivências e, assim, captar a opinião do grupo como um todo^{20,21}.

A partir do conteúdo obtido no grupo focal, seguiu-se a segunda etapa da pesquisa: entrevista individual e aberta para identificar se as percepções do grupo são coerentes com as individuais, o que possibilita diferenciar senso comum e vivências pessoais. Esse tipo de entrevista permite que o sujeito se manifeste livremente, em relação a suas motivações, opiniões e vivências¹⁸. A questão norteadora foi: quais as principais dificuldades enfrentadas por essas mães no processo de formação acadêmica?

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde, aprovada pelo parecer de número 2.767.851.

Para análise dos dados, foi realizada a análise de conteúdo na abordagem de Bardin²², a qual é uma

técnica baseada na descrição do conteúdo das mensagens. Assim, cumpriu-se em três etapas:

- Pré-análise (exploração do material por meio de leituras repetidas), essa etapa propicia ao pesquisador maior propriedade dos dados obtidos e aumenta o grau de consciência das falas em suas individualidades e coletividades;
- Exploração do material (levantamento dos pontos com maior relevância), nessa etapa foi utilizada como estratégia o *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ) que realizou uma análise quantitativa da frequência no uso das palavras e as associações entre elas, gerando um dendrograma a partir da Classificação Hierárquica Descendente do vocabulário, o que reduz o viés do pesquisador mostrando de forma objetiva o que teve maior relevância dentro das falas, o *corpus* utilizado não diferenciou as participantes ou seus cursos;
- Tratamento dos resultados (nomeação das categorias levantadas pelo *software*, comparação entre o conteúdo das falas com o referencial teórico, bem como estabelecimento de reflexões acerca dos resultados obtidos)¹⁸.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as 12 mulheres participantes, oito eram graduandas de Enfermagem e quatro de Medicina. As idades variaram de 21 a 44 anos. A maioria se declarou de cor parda e estado civil casada. Tiveram em média duas gestações, dois partos e nenhum aborto.

Acerca do grau de escolaridade enquanto seis tinham graduação incompleta, três já tinham outra graduação e outras três haviam concluído pós-graduação, duas dessas possuíam titulação de mestrado. No curso superior atual, nove haviam concluído metade dos períodos de seu curso, as três restantes estavam nos dois anos iniciais.

Metade das participantes se dedicava exclusivamente aos estudos, a outra metade possuía ocupações diversas: confeiteira, bancária, enfermeira, técnica de enfermagem, médica veterinária e uma relatou cumprir múltiplas funções a depender da oportunidade em serviços gerais, segurança ou como

manicure. A renda familiar mensal foi relatada como maior que R\$ 3.521,00 para oito participantes, uma relatou renda entre R\$ 2.641,00 e R\$ 3.520,00, uma relatou renda entre R\$ 1.761,00 e R\$ 2.640,00 e duas possuem renda familiar mensal entre R\$ 881,00 e R\$ 1.760,00. Quatro recebem da instituição de ensino bolsa como auxílio financeiro.

Para proteção da identidade das participantes e preservação do anonimato, nos resultados e discussão, seus nomes foram substituídos por cartas do tarô de Marselha, pois cada arquétipo carrega diversos significados, conceitos, relações, estereótipos e toda uma história, bem como cada ser humano. As cartas foram designadas de maneira aleatória, uma para cada participante. Participaram do grupo focal: A Força, A Estrela, A Justiça e A Eremita; e foi realizada entrevista com A Torre, A

Temperança, A Maga, A Sacerdotisa, A Roda da Fortuna, A Lua, A Sol e A Diaba.

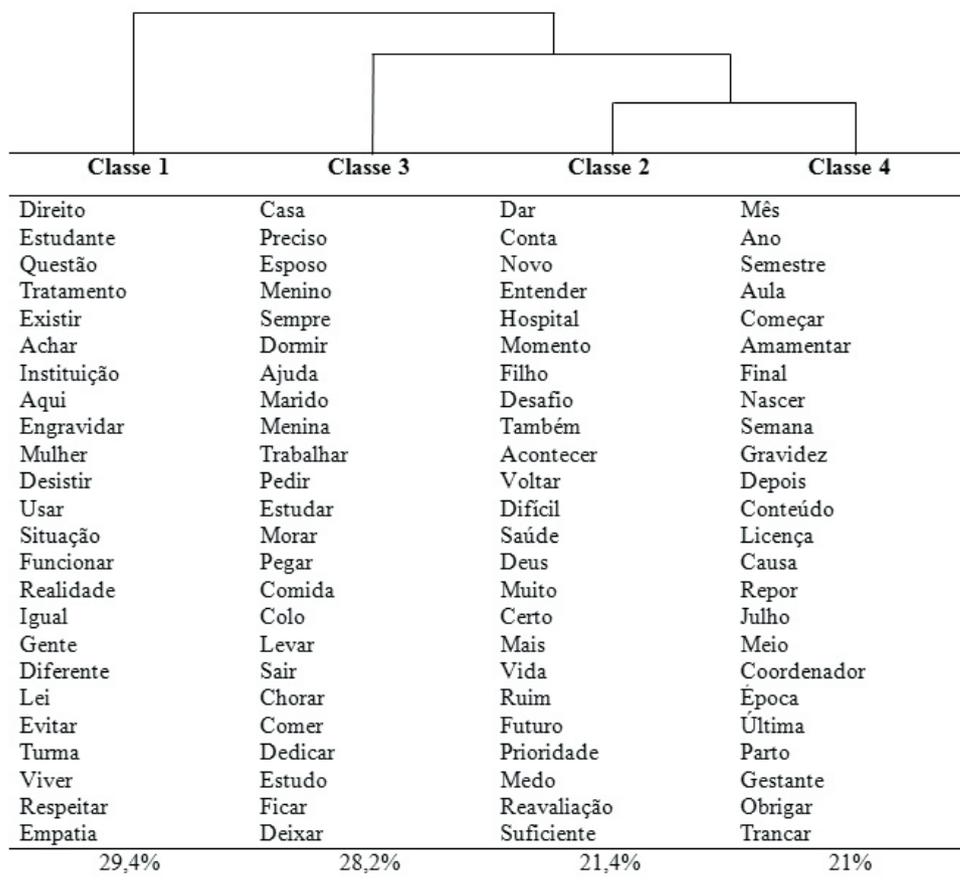
O processo de análise foi cumprido em três etapas, o que deu origem às quatro categorias temáticas apresentadas a seguir. Nesse artigo optou-se por trabalhar as categorias em ordem lógica, diferente da oferecida pelo *software*, oferecendo, portanto, a visão da vivência das mães, seguida da forma como são tratadas, das múltiplas jornadas enfrentadas e, por fim, os efeitos de sobrecarga gerados por tais.

O tratamento da estudante diante do direito de ser mãe

Inicia-se nesta categoria (Classe 4, Figura 1) destacando que a escolha de um curso envolve as aspi-

Figura 1

Dendrograma das categorias emergentes.



rações profissionais, metas coletivas e individuais, objetivada pela mobilidade social, constituindo o ingresso no ensino superior de muitas expectativas. Descobrir uma gravidez nesse momento gera duas vezes mais mudanças na vida da mulher e de seu núcleo social, o que torna um momento de vulnerabilidade psicológica⁸. Lidar com essas mudanças é algo relativo aos conceitos e aspirações individuais, mas que pode ser influenciado pelo meio externo. O ambiente nem sempre acolhe de forma positiva a essas mudanças, em falas foi citado que as mulheres são advertidas a não engravidarem.

[...] no início do ano eles já dão meio que um aviso “Não engravidem, porque vai te prejudicar” [...] E eles tratam como se fosse a pior coisa do mundo você ter um filho aqui, entendeu? (A Torre).

[...] quando a gente recebe essas falas, elas são muito fortes do tipo ‘mulheres não engravidem, mulheres’... são preconceituosas até eu acho, chega a um nível de preconceito sabe tipo, eles mesmos já constroem esses, por mais que constroam esse preconceito até no próprio grupo de estudante quando ele fala assim ‘mulheres não engravidem’ aí você engravida e todos os estudantes vão olhar pra você. (A Justiça).

A primeira abordagem à mulher que descobre gravidez na graduação é o planejamento da licença maternidade, que pode se iniciar a partir dos oito meses de gestação até o terceiro mês do puerpério, sendo permitido o prolongamento de acordo com as necessidades maternas, e este período deve ser definido em atestado médico e instituição do regime domiciliar¹³. Na instituição onde foi realizada a pesquisa, atestado médico só é aceito quando maior que quatro dias e com laudo médico, no caso da licença maternidade, só é aceito o tempo mínimo de 120 dias. As participantes que precisaram aumentar esse período destacaram que foram induzidas a trancar o curso.

[...] tudo eles fazem para você trancar a matrícula eles não dão nenhum sentido para você continuar. (A Lua).

[...] tirei licença maternidade na outra faculdade, que eu fiz transferência, lá eu consegui tirar a licença, já com a (minha filha), eu voltei com 37 dias. (A Força).

[...] eu tive filho agora, eles não me dão nada pra eu fazer em casa. (A Sacerdotisa).

Porque é um direito de mãe às vezes acompanhar o filho numa consulta, tá na reunião do filho e é

um direito meu ser estudante. Mas se eu trouxer um atestado pra cá de um dia ((A Eremita completa)), uma declaração, não vale nada. (A Justiça).

Foi identificada uma individualidade no tema, pois apesar de passarem por abordagem parecida, os segmentos e condutas foram diferentes. Segundo a participante A Sacerdotisa, o regime domiciliar não foi respeitado e a instituição se omitiu desse dever, o que possivelmente gerou sobrecarga quando elas retornaram do período de licença, sendo que A Força optou por ter apenas dois quintos do tempo previsto para evitar o acúmulo de atividades e conseguir terminar sem reprovação ou trancamento de matrícula.

A gravidez não é um empecilho para a continuidade dos estudos e, possivelmente, se tenha a impressão contrária devido ao recorte socioeconômico desfavorecido das mulheres que participaram de outras pesquisas²³. Porém foi identificado em revisão de literatura que a evasão feminina está relacionada com casamentos não planejados, gravidez no decorrer da graduação e nascimento dos filhos, confirmando que a situação socioeconômica é um fator catalisador¹⁶. A partir das falas das participantes, um importante empecilho para a continuidade dos estudos não é o fato de se tornar ou de ser mãe, mas a falta de apoio social e institucional o que induz ao trancamento de matrícula de forma direta.

Eles não têm uma estrutura pra isso, eles falam isso ‘Tranca o curso e tchau’. Só isso que eles fazem. ‘Volta quando você conseguir conciliar, volta quando você parir, quando a bebê ficar grande, quando você arrumar alguém pra ficar com ela’. (A Sacerdotisa).

[...] depois da licença que eu tirei, tinha que fazer reposição né? E ela arrumou mil e um problemas pra eu não conseguir fazer reposição, aí eu consegui fazer metade e ela me fez trancar de novo. (A Torre).

O apoio à amamentação foi outro tema apontado pelas participantes. É importante ressaltar que o aleitamento materno até os dois anos de idade, mantendo exclusividade até os seis meses, favorece a diminuição de óbitos infantis, diarreia, infecções respiratórias, chances de obesidade e aumento do vínculo afetivo então mãe e filho²⁴. Essa orientação é quase um mantra a ser sempre repetido pelos profissionais de saúde. Entretanto, as discentes relataram não ter recebido apoio para cumprir essas recomendações:

Quando o bebê nasceu, eu recebi os 90 dias que é muito pouco, a Organização Mundial da Saúde recomenda que a amamentação aconteça em pelo menos 120 dias e a própria escola só dá 90 dias, é uma escola de saúde, e não incorporou esse conceito de saúde no seu sentido amplo né. (A Roda da Fortuna).

Inclusive levei bronca por ter trazido. Eu trouxe (meu filho), ele era nenenzinho, ele amamentava e ela disse que eu não podia ficar trazendo ele porque dispersava. E eu não tinha com quem deixar, eu tinha que, ou eu vinha com meu filho ou eu faltava [...]. (A Torre).

Eu não tô conseguindo amamentar minha filha direito, eu tive que entrar com fórmula pra ela com três meses, porque a minha produção de leite caiu [...] eu perguntei assim 'quanto tempo eu posso ficar?' Eles falaram assim 'quanto menos você conseguir'. Eu ia ter uma avaliação escrita dia 4, meu parto foi dia primeiro, eles perguntaram se dia 4 não ia ter como eu fazer essa avaliação. De um parto cesariana ((outras participantes mostram surpresa)). (A Força).

Esses relatos mostram várias problemáticas enfrentadas: incoerência entre o que se ensina aos profissionais de saúde em formação e a abordagem para lidar com elas; a violação do direito à licença maternidade cujo período é estabelecido em atestado médico como supracitado; o tratamento desumano com cobranças para que as mães acompanhem o ritmo dos outros estudantes. Sendo que esse último surgiu novamente em outras falas, representadas em:

'olha seus colegas conseguiram fazer isso e isso, então você também tem que conseguir e tudo mais' Não, eu vou conseguir. 'Não, mas você sabe das suas limitações'. (A Força).

Aí a gente chega assim, a gente vê os meninos tudo destruindo no conteúdo, aí você cara eu nem li isso, eu nem vi isso, eu não tive tempo nem de ler. (A Lua).

Outro estudo apresentou resultados semelhantes a partir do relato de acadêmicas destacando a existência de diversas dificuldades para manter o aleitamento após o retorno da licença maternidade, como a carga horária excessiva, horários fixados para desenvolvimento de atividades acadêmicas e a escassez de ambiente adequado para o aleitamento, demandando da rede de apoio familiar para enfrentá-las. Mas reitera a necessidade de respeito à licença maternidade,

criação de salas de apoio à amamentação e instituição de programas de acompanhamento da acadêmica lactante²⁵.

Emergiu nos discursos outra incoerência entre o que é ensinado e vivenciado pelas futuras profissionais de saúde: a humanização. Desde 2003 a Política Nacional de Humanização tem como objetivo "tornar mais humana a relação com o usuário"²⁶, uma proposta de aumento do diálogo e construção conjunta da gestão nas diversas instâncias da saúde.

A gente cursando enfermagem, a gente vive falando de humanização, que a gente tem que ver as pessoas como um todo e que a gente tem que fazer cuidados individuais e pela escola não existe isso. (A Estrela).

Porque a faculdade ensina uma coisa, mas na prática, ela efetiva outra e, porque ela é extremamente burocratizada, tudo é o que tá no papel e não existe uma questão da humanização, né, e humano, não existe diálogo é só o que tá no papel. (A Roda da Fortuna).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos dois cursos propõem a formação de profissionais humanistas, e mais especificamente as DCN do curso de graduação em Enfermagem propõem a formação de profissionais que promovam a humanização na assistência e no cuidado^{27,28}. Entretanto as mães discentes descrevem abordagens desumanas praticadas no cotidiano ao se ignorar a singularidade humana e massificar as condutas.

Igualdade, equidade e maternidade no ambiente acadêmico

Nessa segunda categoria (Classe 1, Figura 1), é importante destacar que o capitalismo com seu sistema de produção e consumo em massa, molda a sociedade de forma a alienar a subjetividade do indivíduo. Esse processo influencia na forma de construção da identidade social, de máscaras e de papéis que se interpreta para permitir a adaptação às situações vivenciadas no cotidiano²⁹. Moldou-se então uma sociedade que aceita o tratamento de massa, onde as leis e ações gestoras são generalizadas.

O tratamento igualitário não leva em conta a subjetividade e o contexto do indivíduo e, por isso, a educação precisa também ser equânime para ser de qualidade³⁰. A equidade compreende a capacidade de amenizar o impacto das origens sociais no

desempenho do indivíduo³⁰. Segundo os relatos a seguir, as mães são invisíveis para a instituição, e acabam por aceitar essa invisibilidade por acreditar que todos devem ser tratados de forma igual, corroborando com outro estudo³.

Eu acho que assim, a instituição segue o padrão dela tipo assim, você entrou você conhecia como funcionava então, eu acho que não tem muita facilitação pra... eu acho que todo mundo é no geral, quem é mãe, quem não é. (A Maga)

A gente fica assim: todo mundo é igualzinho, vai ser o mesmo tratamento todo mundo, e você tem uma condição especial, 'é, todo mundo é igualzinho'... (A Estrela).

Eles não têm base nenhuma, a instituição não tem base nenhuma pra mães que tem bebê, que tem filhos, que tão grávidas. (A Sacerdotisa).

Com essas características, as mães discentes têm dificuldades em participar de atividades escolares com grande relevância para o bom desenvolvimento afetivo dos seus filhos. As faltas são destinadas para as consultas e nada lhes sobra para esses momentos, como relatado.

[...] era o dia das mães na escola da minha filha e eu perguntei pra minha tutora se eu poderia sair 20 minutos mais cedo, porque era pro meu marido me buscar pra eu conseguir sair, ela disse que se eu sáísse eu ia ficar em reavaliação. (A Força).

Eu já estava com falta nessa tutoria porque que eu fui levar foi numa consulta de proctologia e a outra da neurologia então eu guardo só para as consultas e eu não tinha como ir para a apresentação do meu filho. (A Roda da Fortuna).

Vale ressaltar, o relato de apoio de profissionais da instituição que por empatia nas mais diversas formas, tentam colaborar com elas. Professores se solidarizam pela situação das estudantes e utilizam de sua autonomia para promover a equidade no ambiente acadêmico com pequenas ações e flexibilizações³¹. Tanto no grupo focal, quanto nas entrevistas surgiram relatos de situações em que receberam esse apoio.

Eu tenho liberdade pra conversar com tutor, eu tenho liberdade pra conversar com gestor, com coordenador, porém eles não podem fazer muito. (A Temperança).

Disse que ele nunca tinha tido um caso assim, que ele iria verificar a possibilidade, [...], mas ele pareceu bem disposto a fazer o melhor pela criança.

[...] o (coordenador) foi muito receptivo nesse ponto. (A Sol).

E a (servidora) nesse sentido ela me ajudou, porque todas as vezes que eu precisei trazer a (minha filha), ela pega a (minha filha) e leva pra sala dela, ela fica cuidando da (minha filha), né. Até lanche ela já deu pra (minha filha), eu falei '(minha filha), você me racha de vergonha' ((risos)) então assim, tem aqueles que têm um olhar tranquilo, têm. Mas tem aqueles que foram como foi colocado, que não têm. (A Eremita).

Alguns professores, entretanto, são indiferentes e outros acabam dificultando esse percurso penoso, podendo ser autoritários, agressivos, com tratamentos humilhantes, desestimulantes e opressivos^{7,15} conforme descrito na seguinte fala "E eu tive professores que viraram e falaram tranca porque você não vai dar conta" (A Roda da Fortuna), e compatível com o seguinte relato do grupo focal.

[...] a resposta que eu recebi foi 'você tem que ver prioridades na sua vida, você pode, você vai poder fazer a faculdade de novo? Vai, não vai? Você vai poder ter os momentos com a sua filha de novo? Não vai. Então você tem que escolher o que é melhor pra você. Você não vai conseguir terminar a série'. (A Força)

Ser mãe e acadêmica gera sofrimento e pode atrasar ou paralisar o curso, para conseguir prestar o cuidado aos filhos e isso é evidenciado quando não há onde ou com quem deixá-los. A conciliação dos estudos e da maternidade é um grande desafio nos primeiros anos de vida da criança e, por isso, a paralisação do curso se torna chamativa e mesmo quando há intenção de voltar, nem sempre isso é possível^{16,31}. Tanto nas entrevistas individuais, quanto no grupo focal emergiu o tema da desistência em momentos diferentes.

A retaliação, tudo que eles fazem já é pra você desistir, pra você trancar, ninguém quer saber das suas necessidades, não querem mais trabalho [...]. (A Lua).

Ela não tem suporte nenhum pra oferecer assim ((A Força concorda)) 'você teve uma licença, vamos fazer uma reposição desse jeito' não. A questão é: desista. ((Todas concordam)) A questão é: desista. (A Justiça).

Eu falei 'Se eu parar, eu não volto, não volto'. Ou eu termino, faço meu esforço e termino esse ano, e eu sei que eu consigo terminar [...]'. (A Eremita).

Outro estudo identificou que a maioria das mães universitárias já tinha pensado em desistir, por diversos motivos³. Foi questionado às outras participantes durante o grupo focal se também tivessem que parar os estudos, se voltariam e a resposta foi unânime, sendo representada na fala [...] *as condições vão continuar as mesmas, eu ia continuar tendo duas filhas (todas concordam), vou continuar fazendo as mesmas coisas pra cuidar dela. (A Força).*

As múltiplas jornadas de trabalho: divisão sexual de trabalho e as relações de gênero

Na terceira categoria, correspondente à Classe 3 (Figura 1), observou-se a divisão sexual de trabalho e como ela alimenta o debate das relações de poder entre os gêneros. Mesmo após as progressivas conquistas das mulheres na ocupação de espaços no meio de trabalho, as desigualdades de gênero ainda são gritantes, podendo ser evidenciadas pelas múltiplas jornadas de trabalho femininas: trabalho remunerado, afazeres domésticos e cuidados familiares, enquanto ainda lutam pela mobilidade social do grupo familiar, buscando melhor capacitação profissional ao dedicar tempo para estudos^{4,8,9,16}. Isso é evidenciado na fala das participantes.

Eu tenho a faculdade, meu trabalho e eu ainda tenho meu filho então eu acabo só tendo horário noturno pra ele. (A Diaba).

É, além de ser mãe de crianças, eu também trabalho, então assim, eu tenho pouco tempo para me dedicar exclusivamente aos estudos, por isso que a minha parte teórica às vezes fica meio deficiente. [...] eu tive que levantar hoje duas da manhã, já pra deixar as coisas mais ou menos organizadas, pra poder estar aqui às oito hoje. (A Maga).

[...] teve um período que eu trabalhava 60 horas né, eu trabalhava muito, aí como eu estava tendo problema com a minha filha mais velha que era pequenininha na época aí eu resolvi largar um dos empregos e ficar só em um. (A Sol).

E apesar desse acúmulo de trabalho, elas ainda precisam sustentar o peso das atividades domésticas, gastando duas a três vezes mais tempo com elas do que os homens, fato que não é visto com estranheza devido ao efeito de durabilidade

de e permanência, pois por tradição os afazeres domésticos são responsabilidade feminina^{7,31} e não há reconhecimento dele conforme disse a participante A Roda da Fortuna: *esse tempo não contabiliza porque não só pela faculdade, mas a sociedade inteira isso é um trabalho invisível, entendeu?*, ressaltando como o ônus do trabalho não remunerado pesa sobre as mulheres que trabalham e estudam⁹.

Na instituição de ensino superior onde ocorreu a pesquisa, não existem políticas de permanência para estudantes mães, o que gera uma preocupação e instabilidade a mais, como observado na fala:

E aí eu tinha que trazer ela, aí eu trazia ela, e aí eu tentava vender algumas coisas de alimentação pra poder ajudar na... (fala embargada) pra ver se eu conseguia juntar dinheiro pra pagar a creche pra ela ficar na creche. (A Sacerdotisa).

Os auxílios financeiros para os estudantes, apesar de não acabarem com os obstáculos, tendem a atenuar os encargos financeiros e mesmo em instituições que possuem políticas mais estruturadas, os recursos se mostram insuficientes por não reduzir a dupla jornada de trabalho ou permitir a diplomação em prazo estabelecido⁹.

Eu tive muito o apoio do meu marido, né. Ele resolveu arregaçar as mangas e fazer a graduação junto comigo. Porque até um certo momento quando a minha mãe não tava tão doente, a gente ainda deixava os meninos com a mãe e ainda dependia muito disso [...]. (A Eremita).

A minha família toda se mobilizou pra que eu continuasse na graduação. (A Justiça).

Com estas falas, ilustra-se a necessidade de formação de uma rede de apoio como um fator determinante para a permanência das mães no ensino superior, conforme constatado em outros estudos^{16,23,25}.

Ressalta-se que cabe às instituições de ensino, que visam oferecer ensino de qualidade, o papel de minimização de desigualdades através da promoção da equidade acompanhando o processo de mudança nas estruturas sociais. Para isso, se faz necessária avaliação contínua dos serviços prestados, do processo de trabalho, uma reflexão sistemática e embasada teoricamente das estruturas sociais, além de estudos de suas novas necessidades³⁰.

Outro ponto relevante é que nem sempre as participantes se mostram interessadas em dividir todas as funções, como, por exemplo, a de cuidadora, apesar de ser uma das mais exaustivas, é abraçada, bem como identificado em outro estudo³¹ e ilustrado nas falas a seguir.

Vai adiantar eu mandar o pai no pediatra? É a mãe. Não tem como. Para levar no pediatra, para levar no terapeuta, para levar no médico, ir em reunião de escola, cara, é a mãe. (A Roda da Fortuna).

Querem colo, precisa de comer, precisa de água, precisa de tomar banho, e a gente que tem que fazer isso. Mesmo tendo o apoio 100% do meu esposo, a gente é mãe, então a gente se sente na obrigação de fazer tudo, entendeu? E leva muito tempo as crianças, e a faculdade leva também muito tempo. (A Sacerdotisa).

Os homens ao tentarem compartilhar as tarefas fazem com que muitas mães se sintam ameaçadas em seu papel social, e acabam boicotando-os ou desqualificando-os. Assim as mães se impõem essas obrigações exclusivas, temendo serem julgadas negativamente no seu papel materno.

O conflito entre maternidade e a carreira

Nessa categoria (Classe 2, Figura 1), a descoberta de gravidez dentro do ambiente acadêmico pode ser considerada um momento de intenso sofrimento psíquico e ambivalências, acompanhado de várias emoções como medo e felicidade, além de grande impacto psicossocial, tendo um peso muito maior na vida da mulher⁸. Tais sentimentos levam as mulheres a tomarem decisões de grande repercussão em suas vidas, como foi exemplificado por uma das participantes, que diante do medo de precisar interromper precocemente o curso, escolheu esconder a gestação.

[...] eu fiquei com medo sim, porque saiu uma resolução, não sei se foi resolução ou se foi decreto, no ano retrasado, que a gente não poderia, é, ficar em lugar insalubres. Aí eu não contei da gravidez por muito tempo, eu acho que foi com sete meses eu fui contar pras pessoas. (A Sacerdotisa).

Existem exigências vindas dos filhos, do marido, da faculdade, do emprego, e existe uma tendência de elas esperarem muito de si mesmas, muitas das vezes cobrando a perfeição³¹. A constante autocobrança gera o sentimento de frustração por não cumprir com excelência a todas as demandas.

Então como a gente já sabe que é uma coisa velada eu evito então assim, além da gente se tornar invisível a gente já quer dar uma de mulher maravilha para tentar prevenir uma situação demarcada então a gente às vezes acaba tendo que se esforçar o dobro para dar conta de todas as responsabilidades e ainda não parecer que você está de 'miguê' não parecer que você está fazendo pouco caso ou corpo mole por conta do [...]. (A Roda da Fortuna).

E assim, é muito difícil porque você fica eu tendo que dar carinho, mas eu tenho que estudar então assim, é muito difícil fazer a escolha, não é assim ah tudo bem, eu vou parar tudo que estou fazendo agora e vou vestir minha capa de mãe e vou esquecer tudo que existe ((A Eremita concorda)). (A Estrela).

É um sofrimento também psicológico aí ela expressou 'mamãe você fica pouco tempo em casa, a mamãe não tem tempo de brincar com a gente não tem tempo de levar pro parquinho' porque eu chego já é de noite e o parquinho já fechou. (A Roda da Fortuna).

Ao longo do dia, trabalhar e estudar, ao chegar em casa encontra o cuidado familiar e os afazeres domésticos. Uma rotina sem hora para acabar, a jornada no lar não tem dia de folga e nem final de semana, é uma constante o que lhes permite pouco ou nenhum tempo de lazer. Assim como em outra pesquisa⁷, as participantes têm plena consciência que não darão conta de tudo e vão precisar cumprir tudo de uma maneira “mais ou menos”, expressando isso nas entrevistas individuais através das falas:

Então eu tive que levantar hoje duas da manhã, já pra deixar as coisas mais ou menos organizadas. (A Maga).

Porque acaba que nada fica bom. [...] E aí tipo tentando focar em um ou outro não sai nada direito. (A Torre).

Com tantas coisas para fazer, pensar em si mesma é algo de último plano, o foco é nas atividades e no outro, como bem expresso já sou muito deixada de lado, não me preocupo comigo normalmente, só que eu acho que nessa situação toda, piora, porque eu priorizo meus filhos e meu estudo (A Torre). Rotinas básicas de autocuidado são vistas como luxo pelas participantes, pois sempre há coisas mais importantes para fazer. E mesmo com a participação do parceiro, ele é isentado da responsabilidade doméstica e é visto como ajudante esporádico, com tudo isso os níveis de estresse aumentam, gerando

sentimentos como culpa e sofrimento por não dar conta de tudo^{7,31}.

Nunca fiz isso de chegar em casa e sentar. Meu marido ele chega em casa e senta... se passar 40 minutos ele vai estar do mesmo jeito. E a gente já chega e já vai fazendo assim ó: tem que fazer isso, isso e isso... (A Estrela).

... 'Eu tô conseguindo ser mãe, eu tô conseguindo ser uma boa estudante, eu tô conseguindo ser uma boa esposa pro meu marido' Eu sempre vejo assim, caramba, eu to priorizando alguma coisa e outra coisa tá perdendo, eu to... Eu fiz uma atividade com minha filha na escola, eu perdi tempo de estudar, eu perdi tempo pra fazer outra coisa... Eu dormi e eu podia ter arrumado a casa pra no outro dia chegar em casa e conseguir estudar. Comer? Comer pra mim é luxo (risos). (A Força).

Esse sentimento de culpa emerge como herança do modelo patriarcal por conta da responsabilização social da mulher em ser mãe, não necessariamente ligada a uma satisfação pessoal, que pode estar relacionada a não cumprir as “etapas da vida feminina” (estudar, depois constituir família e então ter filhos), a uma busca pelo perfeccionismo em atender a todas as demandas socialmente impostas e pelo próprio desempenho estudantil^{7,16,31}. Esses aspectos podem ser identificados nas seguintes falas:

E daí vem aquele sentimento também né, de culpa, né? ((A Eremita concorda)) Cara eu to ficando muito longe, eu to sem participar tanto, então você tem que saber dividir isso sabe? (A Justiça).

Mas também, essa mesma sociedade te cobra. Por que você não estudou? Por que você não se formou pra dar um futuro melhor pro seu filho? Por que você não cuidou do seu filho? ((Todas concordam)) (A Eremita).

O posicionamento que eu vi foi que quando eu falei que eu tava grávida foi 'Ah, mas por que você engravidou?' (risos) 'Por que agora? Por que você não terminou a faculdade primeiro?'. (A Força).

Justamente disso de errada e de que ou eu tenho que sair daqui ou eu tenho que interromper minha gestação pra continuar, porque tudo gera um problema, que nem o negócio de repor. Porque eu tenho que ter minha licença maternidade, e se eu não tiver com quem deixar meu filho, eu não posso trazer também porque vai atrapalhar a discussão da tutoria, então tipo, velho, é desesperador [...]. (A Torre).

As estudantes carregam consigo não somente um desejo de concluir uma graduação, essa formação envolve muitos outros aspectos. Isso dá um significado muito maior e alimenta a motivação para resistir durante esse percurso, como representado nas falas a seguir.

Eu sou mulher, eu sou guerreira, eu busco, eu luto e eu não vou desistir da minha escola porque eu tenho filho, eu não vou desistir da minha formação porque eu tenho filhos. Até por eles que eu estudo. É por eles que quero morrer dia sim dia não aqui (risos). (A Temperança).

Foi escolha, eu nunca vejo meus filhos como dificultador, como empecilho, pra mim eles são motivadores. (A Diaba).

Apesar da falta de apoio e invisibilidade delas na instituição elas mostraram orgulho, mais do que isso, em seus discursos elas mostraram ter uma paixão por estar na instituição, uma conquista visualizada nas falas:

De saber que você vai ser amparada na instituição que você tanto ama que você leva o nome, que você faz questão de estar aqui. (A Estrela).

Eu já tenho 44 anos, [...] Eu não quero formar porque é útil pra mim, porque quero uma profissão... Pra mim, muitos de vocês já sabem e eu sempre quis, desde muito jovem [...]. (A Eremita).

Isso retoma que o ensino superior é uma grande realização, um sonho, uma conquista profissional ainda mais para mulheres ingressantes após a vida adulta. As participantes desta pesquisa vivem uma realidade de violação de direitos para que possam ter acesso à educação superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências das discentes mães dos dois cursos superiores se mostraram muito semelhantes e apesar de diferentes recortes econômicos e culturais, ainda há um tratamento baseado no machismo estrutural que subjuga as mulheres e tenta limitá-las, independentemente do *status* social.

As mães sofrem com preconceitos advindos do corpo docente desde o início do curso e isso se mantém em pequenos detalhes sabotando a experiência do ensino superior das mulheres mães. Percorrer esse caminho trouxe, nas falas, manifestações de sentimentos fortes como culpa, frustração, insuficiência e principalmente desamparo.

Concomitante a isso, existe uma determinação ainda maior alimentada pela expectativa de proporcionar melhores condições aos filhos.

Nesse sentido, nessa pesquisa foi descoberto que os filhos não são empecilho ou problema, eles são a força que levam as mães a superar os obstáculos presentes na sociedade para o alcance da ascensão socioeconômica. Essas mulheres não buscam privilégios e nem facilidades, elas aspiram apoio contra as situações de desigualdade e inequidade perpetuadas pelas instituições de ensino e pela sociedade em geral.

Entretanto, percebeu-se que concluir uma graduação tem um preço alto para essas mães, que precisam abrir mão de seus direitos, vivenciar sofrimentos diários e sacrificar partes de si e de sua

vida enquanto convivem com julgamentos, preconceitos e discriminações. A sobrecarga de funções e as múltiplas cargas horárias de trabalho somam-se a isso não permitindo tempo para o autocuidado em suas formas mais básicas.

Os resultados do presente estudo também são oportunidade de *feedback* à instituição, demonstrando a importância de se planejar ações para acolher e apoiar a discente mãe.

Considera-se esse assunto um tema relevante pouco explorado na literatura científica em especial a sua relação com metodologias ativas de ensino-aprendizagem. Espera-se que sejam feitos estudos mistos para contemplar o impacto quantitativo desse fato social em sua incidência e prevalência no ensino superior.

REFERÊNCIAS

1. Bezerra BDG, Ferreira GHL. Divisão sexual do trabalho: rebatimentos da lógica patriarcal na vida das mulheres. *Revista Includere* [Internet]. 2017, 3(1): 466-74 [acesso 23 Ago 2022]. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/includere/article/view/7425>.
2. Onuma FMS, Oliveira AL, Amâncio JM. Roots of the exhaustion of brazilian working women: dialectical historical materialism's contributions. *Rev. adm. contemp.* [Internet]. 2022 [cited 2023 Jul 13];e220138. Available from: <https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/1567>.
3. Gonçalves JP, Ternovoe JS. Desafios vivenciados por mulheres universitárias de Mato Grosso do Sul, que são mães, profissionais e donas de casa. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero* [Internet]. 2017, 8(2): 116-42. [acesso em 2022 ago 23]. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v8.i2.0006>.
4. Fonseca MFS. A inserção das mulheres no mercado de trabalho como uma exigência do capital e a divisão sexual do trabalho. *Revista Extraprensa* [Internet]. 2015, 9(1): 90-101. [acesso em 2022 ago 23]. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2015.107635>.
5. Fonaprace/Andifes. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos da IFES. Brasília: Fonaprace/Andifes, mai. 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=79639>.
6. Aquino LML. "Pelo direito de ser mãe e estudante": educação infantil na pauta estudantil universitária. *Zero-a-Seis* [Internet]. 2018, 20(37): 42-57 [acesso 23 Ago 2022]. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n37p42>.
7. Ávila RC, Portes EA. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. *Rev. Estud. Fem.* [Internet]. 2012, 20(3): 809-32. [acesso 23 Ago 2022]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300011>.
8. Antloga CS, Monteiro RA, Bentes AM, Cassimiro ÊC, Assunção FS. Percepção de danos físicos, psíquicos e sociais no trabalho de ser mãe universitária. *Psicol cienc prof* [Internet]. 2023;43:e253141. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003253141>.
9. Ferreira KR, Furtado MAS. Vivência de mães universitárias do ISB/UFAME. *Constr Psicopedag.* 2022;32(33):59-76. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542022000200006&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 13 jul 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.37388/CP2022/v32n33a07>.

10. Veras EA. A tutela trabalhista para as mulheres: a não discriminação no trabalho e a proteção da maternidade. RIPE: divisão jurídica. 2017, 52(68):1-14. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/Rev-IPE-Bauru_n.68.04.pdf.
11. Nunes C, Silva LMN. Acesso e permanência na educação superior X exercício da maternagem: entre trajetórias, representações e exigibilidade de políticas estudantis. *Direito.UnB*. 2020, 4(1):41-79. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/revistadedireitounb/article/view/28322>.
12. Molina RS. História, instituições escolares e o materialismo histórico dialético. *Revista HISTEDBR On-line [Internet]*. 2018, 18(4): 1209-28. [acesso em 2022 ago 23]. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rho.v18i4.8652660>.
13. Brasil. Lei nº. 6.202, de 17 de abril de 1975. Atribui a estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares: instituído pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 1969. [acesso em 23 ago 2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19701979/L6202.htm.
14. Brasil. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, Brasília, 2010. [acesso em 23 ago 2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm.
15. Guimarães LVM, Faria RCV, Ferreira DTB, Pena BF. Assédio no contexto educacional: uma possibilidade de manifestação perversa. *Rev. Subj [Internet]*. 2016, 16 (1): 52-63. [acesso em 2022 ago 23]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.52-63>.
16. Vieira AC, Souza PBM, Rocha DSP. Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática. *Revista COCAR*. 2019, 13(25): 532-52. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2172>.
17. Prestes EMT, Fialho MGD. Evasão na educação superior e gestão institucional: o caso da Universidade Federal da Paraíba. *Ensaio: aval. pol. públ. educ [Internet]*. 2018, 26(100): 869-89. [acesso em 2022 ago 23]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362018002601104>.
18. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2008.
19. Netto JP. Introdução ao estudo do método de Marx. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.
20. Trad LAB. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis [Internet]*. 2009, 19(3): 777-96. [acesso em 2022 ago 23]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>.
21. Kinalski DDF, Paula CC, Padoin SMM, Neves ET, Kleinubing RE, Cortes LF. Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. *Rev. Bras Enferm [Internet]*. 2017, 70(2): 424-29. [acesso em 2022 ago 23]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0091>.
22. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
23. Silva BEM, Silva MAI, Zaia JE, Santos BMO, Cano MAT. Universitárias que foram mães na adolescência: aspectos pessoais, sociais e familiares para continuidade dos estudos. *Investigação [Internet]*. 2015, 14(2):149-53. [acesso em 2022 ago 23]. Disponível em: <https://doi.org/10.26843/investigacao.v14i2.832>.
24. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar. 2ª. Cadernos de Atenção Básica; nº 23. Ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. [acesso em 23 ago 2022]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf.

25. Soares LS, Bezerra MAR, Silva DC, Rocha RC, Rocha SS, Tomaz RAS. Vivência de mães na conciliação entre aleitamento materno e estudos universitários. *Av. Enferm* [Internet]. 2017, 35(3): 284-92. [acesso em 2022 ago 23]. Disponível em: [10.15446/av.enferm.v35n3.61539](https://doi.org/10.15446/av.enferm.v35n3.61539).
26. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004. [acesso em 23 ago 2022]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizausus_2004.pdf.
27. Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. *Diário Oficial da União*. 2001 nov 9 [acesso em 23 ago 2022]. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_CES03.pdf?query=Curr%C3%ADculos.
28. Brasil. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 4, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. *Diário Oficial da União*. 2001 nov 9 [acesso em 23 ago 2022]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES04.pdf>.
29. Rivas EP, Silva PL. O impacto do capitalismo nas relações interpessoais da contemporaneidade: uma perspectiva da psicologia analítica. *Rev. Psicologia*. pt. 2017. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1110.pdf>.
30. Ferreira RA, Tenório RM. A construção de indicadores de qualidade no campo da avaliação educacional: um enfoque epistemológico. *Rev. Lusófona de Educação*. 2010, (15): 71-97. [acesso em 2022 ago 23]. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1521>.
31. Dias TA, Alcantara PPT, Morais KC, Silva YCS, Silva JWM, Tavares NBF, *et al.* Maternidade romantizada: expectativas do papel social feminino pós-concepção. *Rev Enferm Atual In Derme* [Internet]. 2022 out 19 [citado 2023 jul 13];96(40):e-021313. Disponível em: <http://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/1508>.